



**O MESSIANISMO BENJAMINIANO E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO EM HISTÓRIA:
 ALGUNS APONTAMENTOS**

MESSIANISM AND ITS RELATION TO THE TEACHING OF HISTORY: SOME THOUGHTS

**EL MESIANISMO BENJAMINICO Y SU RELACION CON LA ENSEÑANZA DE LA HISTORIA:
 ALGUNAS NOTAS**

Luiz Henrique Bechtluft Bade¹, Leandro Couto Carreira Ricon²

e331221

<https://doi.org/10.47820/recima21.v3i3.1221>

RESUMO

O presente artigo toma por objetivo analisar, principalmente, a função e a importância do conjunto de teses coletivamente denominadas “messianismo benjaminiano” no contexto geral do ensino de História. Para tanto, uma revisão bibliográfica de alguns dos principais livros e artigos de e sobre Walter Benjamin foi realizada, alvejando-se determinar o curso de ação apropriado para historiadores e professores da disciplina, à luz das teses benjaminianas, diante do contexto de empobrecimento dos atos narrativos e de influência paulatinamente maior da chamada “história dos vencedores”, apoiada pelas instituições de ensino e pela mentalidade hegemônica sobre a História no meio social. Com dita análise, busca-se demonstrar, em primeiro lugar, a presença constante de alusões e glorificações à marcha dos vencedores na forma atual do ensino de história, tal qual a possibilidade de pensar o devir de forma distinta, qual seja, tendo em mente os inúmeros grupos sociais subalternizados por dito processo e, por fim, a necessidade de diálogo entre tais teses e o processo de ensino da disciplina histórica em todos os níveis. Desta forma, o artigo procura evidenciar a inevitável humanização da História por meio do messianismo, tal qual a indispensabilidade de tal fenômeno.

PALAVRAS-CHAVE: Walter Benjamin. Educação. Teoria da História. Filosofia da História. Filosofia da Educação. Ética

ABSTRACT

This article aims to analyze, mainly, the function and importance of the set of theses collectively called “Benjaminian Messianism” in the general context of the teaching of History. To this end, a bibliographic review of some of the main books and articles by and about Walter Benjamin was carried out, seeking to determine the appropriate course of action for historians and professors of the discipline, in the light of Benjamin’s theses, given the context of impoverishment of acts of narrative and with a gradually greater influence of the so-called “history of the winners”, supported by educational institutions and the hegemonic mentality about History in the social environment. With this analysis, it is targeted to demonstrate, in the first place, the constant presence of allusions and glorifications to the march of the winners in the current form of the teaching of History, as well as the possibility of thinking about said area in a different way, that is, keeping in mind the countless social groups subordinated by this process and, finally, the need for dialogue between such theses and the process of teaching the historical discipline at all levels. In this way, the article seeks to highlight the inevitable humanization of History through Benjamin’s messianism, as well as the indispensability of such phenomenon.

KEYWORDS: Walter Benjamin. Education. Theory of History. Philosophy of History. Philosophy of Education. Ethic

¹ Acadêmico de História da Universidade Católica de Petrópolis (UCP). Integrante do GEPETHE - Grupo de Estudos e Pesquisas em Teoria da História e Educação. Tem interesse de pesquisa nas áreas de Teoria e Filosofia da História. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6237-0929>

² Doutor em História Comparada pela UFRJ. Professor da Universidade Católica de Petrópolis nos cursos de História e Música e no Programa de Pós-Graduação em Educação. Líder do GEPETHE - Grupo de Estudos e Pesquisas em Teoria da História e Educação. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1893-4816>



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

O MESSIANISMO BENJAMINIANO E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO EM HISTÓRIA: ALGUNS APONTAMENTOS
Luiz Henrique Bechtluft Bade, Leandro Couto Carreira Ricon

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar, principalmente, la función e importancia del conjunto de tesis denominado colectivamente “mesianismo benjaminista” en el contexto general de la enseñanza de la Historia. Para esto, se realizó una revisión bibliográfica de algunos de los principales libros y artículos de y sobre Walter Benjamin, con el objetivo de determinar el curso de acción apropiado para historiadores y profesores de la disciplina, a la luz de las tesis de Benjamin, dado el contexto. de empobrecimiento de los actos narrativos y con una influencia cada vez mayor de la llamada “historia de los vencedores”, sustentada por las instituciones educativas y la mentalidad hegemónica sobre la Historia en el medio social. Con este análisis buscamos demostrar, en primer lugar, la constante presencia de alusiones y exaltaciones a la marcha de los vencedores en la forma actual de enseñanza de la historia, así como la posibilidad de pensar el devenir de una manera diferente, que es decir, teniendo en cuenta los innumerables grupos sociales subordinados a este proceso y, finalmente, la necesidad del diálogo entre dichas tesis y el proceso de enseñanza de la disciplina histórica en todos sus niveles. De esta forma, el artículo busca resaltar la inevitable humanización de la Historia a través del mesianismo, así como la indispensabilidad de tal fenómeno.

PALABRAS CLAVE: *Walter Benjamín. Educación. Teoría de la Historia. Filosofía de la Historia. Filosofía de la Educación. Ética.*

INTRODUÇÃO

Walter Benjamin (1892-1940) pode ser considerado um dos principais pensadores da primeira metade do século XX. Nascido na cidade de Berlim, pouco após a unificação, o ensaísta, filósofo e crítico literário viria a consolidar, ao longo das próximas décadas, uma obra extensa e profunda, em cujo seio estão diversas discussões precípuas aos interesses e ambições de variadas comunidades imersas no contexto geral das ciências humanas (incluindo-se nessa categoria a Educação e a História). Por meio de análises detalhadas, muitas vezes acompanhadas por críticas mordazes ao modo como, em seu julgamento, operava a historiografia em seu tempo, Benjamin procurou demonstrar ser a História assenhorada de uma função política essencial, nomeadamente, resgatar as vozes daquelas cujas falas foram silenciadas pela inexorável marcha dos vencedores em direção ao progresso. Esse conjunto de teses, evidenciado ao longo de diversas produções de Walter Benjamin, recebe, comumente, o nome de “messianismo benjaminiano”. Portanto, apesar de, à primeira vista, Walter Benjamin não possuir um pensamento ético claramente sistematizado, conseguimos localizar, em seu trato acerca do conhecimento histórico, profundos elementos éticos passíveis de aplicação na Educação em história contemporânea (SELIGMANN-SILVA, 2010; BOLLE, 2018).

O presente artigo objetiva, nestes termos, refletir acerca de questões relacionadas ao ensino de História (primariamente em nível de Ensino Básico – Fundamental e Médio) e à Educação em história à luz do messianismo benjaminiano. Para tanto, apresentar-se-á um panorama geral do contexto que faz de semelhante aspecto da produção de Benjamin não apenas presente como também necessário dentro do campo disciplinar da História. Uma vez apresentado dito contexto, discutir-se-á, com maior profundidade, aquele que talvez seja o ponto nevrálgico da obra de Benjamin no que concerne à historiografia, o resgate das vozes dos esmagados pela marcha dos



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

O MESSIANISMO BENJAMINIANO E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO EM HISTÓRIA: ALGUNS APONTAMENTOS
Luiz Henrique Bechtluft Bade, Leandro Couto Carreira Ricon

vencedores, responsável pela manutenção do cenário de catástrofes. Por fim, relacionar-se-á os supracitados aspectos ao contexto da educação atualmente observado, evidenciando-se, mais uma vez, o caráter do pensamento de Walter Benjamin, ético-político por excelência.

O PROBLEMA: EMPOBRECIMENTO DE EXPERIÊNCIAS

Para uma compreensão adequada do tratamento dado por Benjamin à historiografia, dois conceitos provam-se essenciais: *Erlebnis* (comumente traduzido como “vivências”) e *Erfahrung* (frequentemente traduzido como “experiências”). Os termos em questão dialogam entre si, na medida em que ambos se relacionam, em alguma medida, com a vida em comunidade. O conceito de *Erfahrung* em particular mostra-se fundamental para a presente discussão.

Ocorre que as experiências destacadas pela categoria supracitada não são experiência de qualquer tipo. São, em verdade, experiências comunicáveis. Tal conceito é evidenciado em muitas das produções benjaminianas. Em *O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*, afirma Benjamin: “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (1987, p. 198). Nota-se a importância da comunicação de experiências, destacada com veemência no trecho apresentado. Para Benjamin, são as histórias compartilhadas dentro do meio social que exercem a função de garantir que a esfera coletiva se torne, verdadeiramente, viva. Benjamin continua afirmando que “quem viaja tem muito quer contar’, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições” (1987, p. 198-199). Em suma, vê-se que o distanciamento, seja temporal, seja espacial, contribui para o contar de histórias que, por sua vez, garante a vida social mediante o ato de narrar. Benjamin apresenta-se, também, nesse tom, como um teórico da narrativa. Afinal, apenas ela comunica as experiências vividas. Daí mesmo a relação entre tempo vivido da experiência e a comunicação narrativa possibilitada, dentre outras formas, pela historiografia.

Contudo, ao longo do século XIX e, especialmente, nas primeiras décadas do século XX, observou-se um processo, ominoso no pensamento benjaminiano, de empobrecimento dessas experiências comunicáveis. Tal processo é iniciado com a rarefação das narrativas tradicionais, associadas em várias ocasiões à tradição oral, como já pontuado. Duas formas de comunicação são apontadas por Benjamin como responsáveis por semelhante empobrecimento: o romance e a informação.

Quanto ao primeiro, nota-se que Benjamin tem em mente a variante clássica e massificante do romance quando de sua crítica. Essa forma de comunicação prova-se um obstáculo às narrativas na medida em que



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

O MESSIANISMO BENJAMINIANO E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO EM HISTÓRIA: ALGUNS APONTAMENTOS
Luiz Henrique Bechtluft Bade, Leandro Couto Carreira Ricon

a tradição oral, patrimônio da poesia épica, tem uma natureza fundamentalmente distinta da que caracteriza o romance. O que distingue o romance de todas as outras formas de prosa – contos de fada, lendas e mesmo novelas – é que ele nem procede da tradição oral nem a alimenta (BENJAMIN, 1987, p. 201)

O ensaísta argumenta que o romance está por excelência vinculado ao livro. Em *O Narrador*, o autor afirma, não sem razão, que “a difusão do romance só se torna possível com a invenção da imprensa” (1987, p. 201). O resultado da vinculação do romance a um meio de difusão crescentemente individualizado é a criação de um indivíduo (nomeadamente, o romancista) gradualmente mais afastado de seu meio social. Alguém que, como explicitado acima, “não procede da tradição oral nem a alimenta”. Sobre o romancista, Benjamin afirma que este é “o indivíduo isolado, que não pode mais falar exemplarmente sobre suas preocupações mais importantes e que não recebe conselhos nem sabe dá-los” (1987, p. 201). O afastamento do romancista em relação a seu meio empobrece em grande medida a capacidade de certos grupamentos sociais (em especial aqueles subalternizados) de resistir à marcha inexorável dos vencedores. Contudo, o romance é apenas uma das formas de empobrecimento da narrativa. O segundo meio comunicativo apontado por Walter Benjamin como prejudicial à vida social verdadeira, a informação, talvez seja ainda mais prejudicial aos interesses mais legítimos e originários dos subalternizados.

A informação, segundo Benjamin, destrói o espírito da narrativa. Ainda em *O Narrador*, o pensador escreve:

Villemessant, o fundador do *Figaro*, caracterizou a essência da informação com uma fórmula famosa. ‘Para meus leitores’, costumava dizer, ‘o incêndio num sótão do Quartier Latin é mais importante do que uma revolução em Madri’. Essa fórmula lapidar mostra claramente que o saber que vem de longe encontra hoje menos ouvintes do que a informação sobre acontecimentos próximos. O saber, que vinha de longe – do longe espacial das terras estranhas, ou do longe temporal contido na tradição –, dispunha de uma autoridade que era válida mesmo que não fosse controlável pela experiência. Mas a informação aspira a uma verificação imediata. Antes de mais nada, ela precisa ser compreensível ‘em si e para si’. Muitas vezes não é mais exata que os relatos antigos. Porém, enquanto esses relatos recorriam frequentemente ao miraculoso, é indispensável que a informação seja plausível. Nisso ela é incompatível com o espírito da narrativa. Se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio. (1987, p. 202-203)

Tal forma comunicativa apresenta, ainda, mais uma falha que se prova fatal: a informação é valiosa apenas na medida em que é nova. Para ilustrar tal característica, Benjamin recorre mais uma vez às narrativas que qualifica como positivas à esfera social.

O primeiro narrador grego foi Heródoto. No capítulo XIV do terceiro livro de suas *Histórias*, encontramos um relato muito instrutivo. Seu tema é Psammenit. Quando o rei Psammenit foi derrotado e reduzido ao cativo pelo rei persa Cambises, este resolveu humilhar seu cativo. Deu ordens para que Psammenit fosse posto na rua em que passaria o cortejo triunfal dos persas. Organizou esse cortejo de modo que o prisioneiro pudesse ver sua filha degradada à condição de criada, indo ao poço com um jarro, para buscar água. Enquanto todos os egípcios se lamentavam com o espetáculo, Psammenit ficou silencioso e imóvel, com os olhos no chão; e, quando logo em seguida viu seu filho, caminhando no cortejo para ser executado, continuou



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

O MESSIANISMO BENJAMINIANO E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO EM HISTÓRIA: ALGUNS APONTAMENTOS
Luiz Henrique Bechtluft Bade, Leandro Couto Carreira Ricon

imóvel. Mas, quando viu um de seus servidores, um velho miserável, na fila dos cativos, golpeou a cabeça com os punhos e mostrou os sinais do mais profundo desespero. (1987, p. 203, 204)

O foco narrativo da informação dificulta, ou mesmo inviabiliza, nesses termos, o próprio saber da experiência (BONDÍA, 2002). Em oposição à informação, Benjamin argumenta que a verdadeira narrativa é dotada de um caráter “místico”, possibilitando interpretações diversas que fazem dela uma forma comunicativa perene, intrinsecamente conectada à vida social que lhe dá origem. Contudo, o auge do empobrecimento de experiências dar-se-ia com a transição do século XIX para o século XX, em especial nas primeiras décadas deste.

Argumenta o ensaísta em *Experiência e pobreza*:

está claro que as ações da experiência estão em baixa, e isso numa geração que entre 1914 e 1918 viveu uma das mais terríveis experiências da história. Talvez isso não seja tão estranho quanto parece. Na época, já se podia notar que os combatentes tinham voltado silenciosos do campo de batalha. Mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos (BENJAMIN, 1987, p. 114, 115).

Os efeitos da chamada Grande Guerra fizeram emudecer os combatentes, que presenciaram algo que, até aquele momento, desconhecia paralelos na história humana. Pouco depois, na recém-formada Alemanha, as experiências traumáticas da República de Weimar, um governo amplamente ineficiente, agravaram a crise do ato de narrar (PALERMO, 1999). A passagem das populações europeias pela guerra, fome, inflação, entre muitos outros aspectos, fizeram com que as experiências comunicáveis saíssem do campo social, onde, na análise benjaminiana, deveriam estar.

Vê-se, então, um caráter explicitamente ético-político na análise desenvolvida por Walter Benjamin. Seu argumento é eficaz: enfraquecido o ato de narrar, não há mais algo conectando os grupos sociais (Benjamin tem em mente principalmente os subalternizados) às suas origens e histórias. Ao fim deste processo, tem-se um cenário em que, desprovidos de suas próprias narrativas, os grupos sociais mais desfavorecidos precisam apoiar-se nas narrativas oficiais, construídas cautelosamente pelos grupos sociais dominantes como um instrumento de perpetuação de seu domínio na esfera coletiva. Em outras palavras, a perda paulatina do ato de narrar faz com que os grupos subalternizados se tornem extremamente vulneráveis aos interesses das camadas superiores, uma vez que, ao perder sua capacidade de transmitir experiências por meio da narrativa, perdem também sua identidade. Nesse sentido, é fundamental aos interesses do presente artigo evidenciar que não necessariamente a pobreza em experiências estudada até o atual ponto da investigação resultará no cenário dantesco descrito acima.

Para entender o que se projeta com a proposição feita, recorrer-se-á, novamente, ao texto *Experiência e pobreza*. Nele, Benjamin argumenta ser possível uma “forma positiva de barbárie” (tendo-se em mente que a forma negativa deste conceito diz respeito à já mencionada marcha dos vencedores). Afinal, “o que resulta para o bárbaro dessa pobreza de experiência? Ela o impele a partir para a frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, a construir com pouco, sem olhar nem para a direita nem para a esquerda” (1987, p. 116). Em outras palavras, diante do cenário de



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

O MESSIANISMO BENJAMINIANO E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO EM HISTÓRIA: ALGUNS APONTAMENTOS
Luiz Henrique Bechtluft Bade, Leandro Couto Carreira Ricon

empobrecimento de experiências, há dois cursos de ação possíveis: aceitar a barbárie dos vencedores, curvando-se à marcha deles, ou rebelar-se contra ela, movimentando-se na direção de, como explicitado, construir algo novo, “sem olhar nem para a direita, nem para a esquerda”. Benjamin ainda argumenta que “entre os grandes criadores sempre existiram homens implacáveis que operaram a partir de uma tábula rasa” (1987, p. 116). É a partir dessa barbárie que pode nascer (ou renascer) o convívio social verdadeiro, responsável pelo esfacelamento da marcha dos vencedores.

Nesse sentido, as inúmeras crises observadas na primeira metade do século XX, apesar de terríveis por natureza, podem ser interpretadas como uma oportunidade única para principiar-se semelhante barbárie. Em seu artigo *Walter Benjamin: testemunha da crise do Historicismo alemão durante a República de Weimar*, os professores Júlio Bentivoglio e Marcelo Durão Rodrigues da Cunha explicitam como semelhante processo pode ser identificado no cenário dantesco analisado até o momento:

Se pensarmos a História como um lugar institucional, espaço ou campo que se distingue dos demais saberes para a produção de verdades, localizar a história alemã durante Weimar significa vê-la sob intensa provação. Logo depois de conhecer uma era dourada de grande projeção dentro e fora da Alemanha, desde o surgimento do historicismo de Humboldt, Ranke e Droysen no século XIX – que elevou a História à condição de ciência e de entidade ética-singular capaz de guiar a humanidade –, durante os anos de Weimar, o Historicismo ressentiu-se de sua primeira grande crise, diagnosticada por autores como Ernst Troeltsch ou Friedrich Meinecke (2019, p. 118-119)

A “grande crise” diagnosticada pelos autores se deve, precisamente, à situação projetada sobre a Alemanha, a qual se gerou o empobrecimento da narrativa de um lado, também deu origem às condições necessárias para o estabelecimento da já analisada barbárie, que, por sua vez, poderia fazer encerrar-se o inexorável cortejo dos vencedores. Júlio Bentivoglio e Marcelo Durão Rodrigues da Cunha continuam:

Nacionalismo exacerbado, culto às grandes personalidades, exaltação de grandes marcos ou das grandes realizações políticas e culturais, entre outros aspectos, tais eram os índices comuns daquela produção historiográfica. Mas, com a Primeira Grande Guerra, a derrota alemã conferiu duro golpe naquela narrativa de progresso, protagonismo e aperfeiçoamento do grande Reich. Aquela História recém-institucionalizada, que conferia ênfase ao político havia se aproximado demais do poder, construindo uma narrativa bastante favorável aos interesses da burguesia e do Estado alemão, começou a exibir fissuras (2019, p. 119).

Com efeito, como argumentam os autores, semelhante derrota “teria sido responsável, de algum modo, por arranhar a imagem, seja do Estado alemão, seja de seus historiadores, dentro e fora da Alemanha” (2019, p. 119).

No presente momento do estudo, observa-se, mais uma vez, que, no meio do cenário pessimista traçado por Walter Benjamin, há um raio de esperança gerado pela perspectiva do surgimento de uma nova barbárie, liderada por homens insatisfeitos com a situação oprobriosa que se projeta em seu entorno. Tal esperança abre uma questão fundamental para o entendimento



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

O MESSIANISMO BENJAMINIANO E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO EM HISTÓRIA: ALGUNS APONTAMENTOS
Luiz Henrique Bechtluft Bade, Leandro Couto Carreira Ricon

adequado das premissas benjaminianas relativas à historiografia e à sua função. A análise atual, a partir deste momento, direciona-se para semelhantes esclarecimentos.

O MESSIANISMO BENJAMINIANO

Estudando-se as premissas e conclusões desenvolvidas por Walter Benjamin ao longo de sua produção historiográfica, resta pouca dúvida acerca de seu caráter materialista histórico-dialético. Contudo, é preciso ter cuidado ao classificar o ensaísta germânico no seio de tal paradigma, visto que suas visões se distanciam consideravelmente de uma interpretação marxista ortodoxa, comum à época. Com efeito, Benjamin aproxima-se das premissas do materialismo histórico-dialético mais pelas contribuições da Escola de Frankfurt e de autores como György Lukács do que pelos estudos do próprio Karl Marx. Nesse sentido, Benjamin chega a criticar duramente o aparente mecanicismo desprovido de ações humanas observado numa análise estritamente marxiana do devir histórico, como aquela proposta pelo socialismo stalinista, por exemplo. A História, argumenta o pensador, sempre deve ser estudada e analisada a partir da premissa de que é construída por ações humanas que se encaminham ao coletivo.

A observação acima faz-se importante, pois ajuda a compreender um aspecto central da produção de Benjamin: a existência de conflitos constantes entre um grupo dominante, que busca impor seus interesses sobre os demais segmentos da sociedade, e diversos grupos subalternizados, que precisam lutar para que suas vozes não sejam silenciadas a todo momento. É nesse cenário que a historiografia entra em ação. É fundamental observar que o historiador é encarado por Benjamin como encarregado de buscar, resgatar e defender as vozes daqueles que foram pisoteados pela marcha dos vencedores, responsável por afirmar uma verdadeira catástrofe. É a partir do ofício do historiador que se faz entender que o devir histórico é exatamente marcado pelas lutas ininterruptas, tão frequentemente mascaradas pelos grupos dominantes em seus tentos de dominação. José D'Assunção Barros, no terceiro volume de sua coleção de *Teoria da História*, explica:

Benjamin considera, à partida, que há algo de sombriamente equivocado em considerarmos que vivemos o único presente possível – este presente que surge mecânica e linearmente de um passado, que por sua vez é redesenhado ele mesmo como o único passado possível, e sob um quadro fatalista no qual as três instâncias da temporalidade (o passado, o presente e o futuro) estariam enredadas por um progresso inevitável, naturalizado, no qual podemos sempre confiar cegamente, no sentido de que trará um mundo sempre melhor (2013, p. 243, 244).

O perigo de interpretar o presente efetivo como único presente possível dialoga amplamente com o perigo gerado pelo empobrecimento da narrativa. Ao naturalizar o aparente progresso e julgar que o devir histórico não poderia haver ocorrido de outra forma, arrisca-se abandonar permanentemente as vozes dos vencidos, reforçando-se, mais uma vez, a marcha dos vencedores, defensora de um progresso apenas técnico e que possibilite apenas a autopreservação de um grupo. Uma postura verdadeiramente engajada por parte do historiador envolve, necessariamente, ter a consciência de que, ao longo do devir, inúmeros momentos puderam ser observados em que houve a



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

O MESSIANISMO BENJAMINIANO E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO EM HISTÓRIA: ALGUNS APONTAMENTOS
Luiz Henrique Bechtluft Bade, Leandro Couto Carreira Ricon

oportunidade de se romper com a barbárie dos vencedores, estabelecendo-se o que Benjamin chama de “estado de exceção” (REBUÁ, 2019). Mais uma vez, José D’Assunção Barros ajuda na compreensão do assunto aqui tratado:

A ‘nota romântica’, no pensamento historiográfico de Walter Benjamin, vai se juntar à ‘nota do materialismo histórico’ e, juntas, as duas notas fazem soar por ressonância empática um harmônico que é o ‘pessimismo revolucionário’, tão típico de Benjamin, com sua radical crítica ao conceito mecanicista de progresso (...) mas acrescentada e interferida pela sua sensibilidade de que a revolução se coloca como possibilidade a cada instante – pois para Benjamin cada instante pode se afirmar potencialmente como ‘a porta estreita pela qual pode entrar o Messias’ (2011, p. 57)

Vê-se claramente as orientações éticas e políticas das análises desenvolvidas por Benjamin. Afinal, como explicitado acima, o pensador enxerga como obrigação do historiador (ao menos daqueles historiadores que não se curvaram ao cortejo dos vencedores ao longo do devir) resgatar as vozes dos que não puderam falar em seus respectivos tempos, realizando uma história da possibilidade. Em sua nona tese sobre o conceito de História, o autor afirma – em uma de suas mais potentes imagens:

Há um quadro de Klee que se chama Angelus Novus. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso (1987, p. 226).

A tese em questão deixa um fator da produção benjaminiana claro. A historiografia, ou ainda, o historiador, pode posicionar-se, essencialmente, de duas formas diante do progresso, essa tempestade que impele o anjo da história em direção ao futuro enquanto este olha para a montanha de ruínas que cresce a cada segundo. Por um lado, o historiador pode abraçar o progresso, aceitando-o como premissa a seus estudos. Semelhante postura é o principal alvo das críticas mordazes emitidas por Walter Benjamin. Afinal, o progresso é o principal recurso teórico de que lançam mão os grupos sociais dominantes para consolidar seu domínio. Como explicitado acima, Benjamin identifica essa naturalização do progresso e da marcha dos vencedores no paradigma historicista, embora seja fundamental realçar que o autor tem em mente apenas um historicismo muito específico (BENTIVOGLIO; CUNHA, 2019). Por outro lado, o historiador pode identificar no devir histórico os protagonistas de todo o movimento analisado, nomeadamente, os grupos subalternizados, perpetuamente ameaçados pelo progresso que pouco se encaminha ao social. Este historiador é aquele que recebe o apoio de Walter Benjamin como sendo o representante mais honesto de uma historiografia materialista dialética. A partir do momento em que se percebe, como



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

O MESSIANISMO BENJAMINIANO E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO EM HISTÓRIA: ALGUNS APONTAMENTOS
Luiz Henrique Bechtluft Bade, Leandro Couto Carreira Ricon

explicitado acima, que existem inúmeros momentos ao longo do devir em que a revolução dos pisoteados pelo progresso pôde tomar corpo, abrem-se as portas para a historiografia executar, como Benjamin julgava indispensável, sua principal função: impedir o silêncio perpétuo dos desfavorecidos, estabelecendo-se o tão ambicionado estado de exceção. Nesse sentido, o autor diz:

o cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. Sem dúvida, apenas a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente do seu passado. Isso quer dizer: somente para a humanidade redimida o passado é citável, em cada um dos seus momentos. Cada momento vivido transforma-se numa *citation à l'ordre du jour* – e esse dia é justamente o do juízo final (1987, p. 223).

E ainda:

A luta de classes, que um historiador educado por Marx jamais perde de vista, é uma luta pelas coisas brutas e materiais, sem as quais não existem as refinadas e espirituais. Mas na luta de classes essas coisas espirituais não podem ser representadas como despojos atribuídos ao vencedor. Elas se manifestam nessa luta sob a forma da confiança, da coragem, do humor, da astúcia, da firmeza, e agem de longe, do fundo dos tempos. Elas questionarão sempre cada vitória dos dominadores. Assim como as flores dirigem sua corola para o Sol, o passado, graças a um misterioso heliotropismo, tenta dirigir-se para o Sol que se levanta no céu da história. O materialismo histórico deve ficar atento a essa transformação, a mais imperceptível de todas (1987, p. 223-224).

Diante das críticas benjaminianas à produção historiográfica de seu tempo, tal qual das proposições de Benjamin na direção de hirtar tal produção, vê-se claramente a preocupação do autor em relação à pesquisa historiográfica. Contudo, resta uma dúvida, aqui muito mais exposta como uma problematização ainda a ser desenvolvida: é apenas a pesquisa formal que deve atuar no sentido de “consertar” os rumos da produção historiográfica, ou cabe a outras instituições e setores da sociedade agir no sentido de desafiar a marcha inevitável dos vencedores? Ou seja, quais os papéis e ações possíveis originárias nas discussões sobre a História pública, a Educação histórica e o ensino de História enquanto campos epistemológicos da historiografia? Algumas reflexões de caráter introdutório acerca do papel da Educação e do ensino de História são indispensáveis para apontar respostas possíveis à indagação apresentada.

A EDUCAÇÃO ENQUANTO ALENTO DOS VENCIDOS

Ao longo do presente artigo, esclareceu-se a função que Walter Benjamin esperava ser exercida pelos historiadores em suas pesquisas. Com efeito, diante da argumentação apresentada, não restam muitas dúvidas de que o passado não pode ser encarado como um bloco monolítico, o qual conduz de forma perfeitamente contínua à sociedade atual. Uma interpretação deste tipo acerca do devir corre o risco de esquecer-se daqueles que mais precisam da historiografia, não apenas enquanto disciplina acadêmica, como também enquanto entidade capaz de orientar ações humanas no presente. A historiografia, nesses termos benjaminianos, é um dos avisos de incêndios, aquele



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

O MESSIANISMO BENJAMINIANO E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO EM HISTÓRIA: ALGUNS APONTAMENTOS
Luiz Henrique Bechtluft Bade, Leandro Couto Carreira Ricon

elemento revolucionário que, mais do que acelerar a locomotiva do tempo, puxa o freio de emergência fazendo o trem do progresso saltar de seus trilhos (LÖWY, 2005). Contudo, a história, enquanto tempo narrado sobre o tempo vivido, não é apenas feita de pesquisas que tomam corpo em arquivos, museus e escritórios. É, também, um campo do conhecimento desenvolvido no seio de uma sociedade, e perfeitamente capaz de devolver a dita sociedade um produto responsável pela melhoria das condições humanas, nomeadamente, reflexões e orientações de diversos tipos acerca do devir da experiência em um processo de humanização. Nesse sentido, é indispensável a discussões como as de Walter Benjamin e a desenvolvida no presente texto considerar as implicações do processo de estabelecimento do denominado estado de exceção para a Educação.

Não é segredo que o ensino de História, a nível de Ensino Básico (Ensino Fundamental Anos Iniciais e Anos Finais e Ensino Médio), é amplamente orientado para uma história puramente narrativista, ainda focada na memorização de eventos como tratados, batalhas, ações de agentes históricos individuais – os “grandes homens” – e na apreensão, frequentemente acrítica, de “fatos históricos” comumente eurocêntricos e não-problematizados. O cenário em questão, não surpreendentemente, não gera senão a formação de uma consciência histórica tradicional e acrítica, responsável, em última instância, pelo constante reforço dos pressupostos impostos à sociedade pelos grupos dominantes, como o ideal do progresso estabelecido ainda no iluminismo, conforme sinaliza Benjamin ao criticar o positivismo e o historicismo (RICON, 2020). O estudante de História em tais níveis, com assustadora frequência, torna-se meramente um indivíduo capaz de recitar listas de reis e presidentes em ordem cronológica, tal qual de memorizar inúmeros nomes de acordos, tratados e guerras, e, comumente, tal estudante não percebe a função de estudar o devir, afastando-se das reflexões mais profundas sobre este.

Como resultado da postura indiferente observadas em todos os níveis de todos os meios quanto ao ensino de História, têm-se consequências lúgubres, manifestadas numa não-compreensão adequada da função do estudo de ações humanas no passado (a célebre tentativa de compreensão, o “*Verstehen*” pregado com tanta veemência desde autores como Johann Gustav Droysen ou Wilhelm Dilthey) que, no limite, pode levar ao total abandono da reflexão crítica acerca do devir, encarado como simplesmente inútil devido à natureza distorcida de seu ensino, o que, por sua vez, leva ao reforço gradual das narrativas dos vencedores, obliterando-se as vozes daqueles que mais precisam ser ouvidos (RICON, 2021).

É aqui que o messianismo benjaminiano volta a protagonizar as discussões. Diante da apresentação de uma verdadeira história-problema aos estudantes, e diante da percepção, benjaminiana por excelência, de que “a ‘revolução’ precisa ser tomada como tarefa, pois a história está sempre em aberto” (BARROS, 2011, p. 59), é possível restaurar a função mais legítima da historiografia, notadamente também em nível de Ensino Escolar Básico. Ensinando-se os estudantes, desde cedo, que a história nunca conta apenas com um lado, com uma narrativa, é possível substituir a entorpecida análise desinteressada dos fatos históricos por discussões gradualmente mais profícuas. No limite, tal discussão pode fazer com que, diante das conexões estabelecidas (a



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

O MESSIANISMO BENJAMINIANO E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO EM HISTÓRIA: ALGUNS APONTAMENTOS
Luiz Henrique Bechtluftt Bade, Leandro Couto Carreira Ricon

chamada “empatia para com os vencidos”, ou ainda a “história vista de baixo”), o estudo do devir histórico volte a construir uma verdadeira experiência (*Erfahrung*) para os estudantes, formando-se, uma vez mais, a notória barbárie, não orientada para os vencedores, mas contra os processos de subalternização. Dessa forma, o sonho benjaminiano pode continuar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Três objetivos foram estabelecidos quando da confecção do presente artigo. Em primeiro lugar, buscou-se entender o contexto de empobrecimento do reino das experiências comunicáveis. Depois, quis-se refletir sobre o papel da historiografia diante de semelhante cenário. Finalmente, objetivou-se considerar as implicações da análise proposta por Walter Benjamin para o ensino de História, ainda que de forma inicial.

Quanto ao primeiro objetivo, muito se pôde estabelecer. Viu-se que o empobrecimento das experiências comunicáveis é um processo que, embora tenha seu auge na primeira metade do século XX, antecede tal século, podendo ser observado mesmo com o crescimento do romance inclinado à massificação e da informação de caráter jornalístico no meio social. Observou-se que a Grande Guerra de 1914-1918 representou um evento catastrófico na história ocidental, fazendo emudecerem-se os combatentes, representando-se, portando, o auge do empobrecimento da comunicação de experiências. Por fim, viu-se que o resultado de tal empobrecimento pode ser visto com lentes otimistas, levando-se em conta que, diante desta situação catastrófica, estabelecem-se as condições para que, movidas pela insatisfação profunda, os grupos subalternizados desafiem a inexorável marcha em direção ao progresso, resumido ao progresso da técnica, responsável por colonizar a liberdade humana.

Quanto ao segundo objetivo, concluiu-se que a História exerce uma função dupla diante do empobrecimento da experiência. Por um lado, pode reforçar a barbárie dos vencedores, ao aceitar o aparente progresso como premissa do devir. Por outro, pode servir como principal alento dos esmagados pelo cortejo dos vencedores, ao buscar nas vozes dos vencidos a força para defender as classes oprimidas, os grupos subalternizados.

Por fim, o terceiro objetivo foi alcançado ao se pensar o eventual ensino de História à luz do messianismo benjaminiano. Tal ensino, como previamente observado, serviria para despertar a mais legítima consciência, por parte dos estudantes de todos os níveis, de que todo evento histórico do devir está em aberto. De que todo momento histórico é protagonizado não por um movimento em direção ao progresso, mas sim por conflitos incessantes entre os mais diversos grupamentos sociais, e de que as vozes dos que terminam por serem vencidos são alguns dos objetos mais preciosos que o historiador pode buscar, em seu caminho rumo ao objetivo final, essencialmente ético e político, de desafiar a constante subalternização dos mais diversos grupos sociais.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

O MESSIANISMO BENJAMINIANO E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO EM HISTÓRIA: ALGUNS APONTAMENTOS
Luiz Henrique Bechtluft Bade, Leandro Couto Carreira Ricon

REFERÊNCIAS

- BARROS, J. D. **Teoria da História**: acordes historiográficos: uma nova proposta para a teoria da história. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011
- BARROS, J. D. **Teoria da História**: os paradigmas revolucionários. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013.
- BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Editora Brailiense, 1987. p. 114-119.
- BENJAMIN, W. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskow. In: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Editora Brailiense, 1987. p. 197-221.
- BENJAMIN, W. Sobre o conceito de História. In: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Editora Brailiense. 1987. p. 222-234.
- BENTIVOGLIO, J.; CUNHA, M. D. R. Walter Benjamin, testemunha da crise do Historicismo alemão durante a República de Weimar. BENTIVOGLIO, J.; LEITE, A. (Orgs.). **Walter Benjamin**: testemunho e melancolia. Serra: Milfontes, 2019, p. 115–140.
- BOLLE, W. "Um painel com milhares de lâmpadas": Metrôpole & Megacidade. In: BENJAMIN, W. **Passagens**. Belo Horizonte: EdUFMG, 2018. 3 v.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, v. 2, n. 19, p. 20–28, 2002.
- LÖWY, M. **Walter Benjamin**: aviso de incêndio - uma leitura das teses "Sobre o conceito de história". São Paulo: Boitempo, 2005.
- PALERMO, R. Uma organização itinerante: O Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt. In: DE MASI, D. (org.). **A emoção e a regra**: os grupos criativos na Europa de 1850 a 1950. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999. p. 259–282.
- REBUÁ, E. **Insólito Benjamin**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2019.
- RICON, L. C. C. Das filosofias positivistas da história à educação histórica conservadora: Comte, Buckle e Durkheim. **Revista En_Fil**, v. 8, n. 11, p. 79–92, 2020.
- RICON, L. C. C. História e Ensino: um ensaio a contrapelo. **Boletim do Tempo Presente**, v. 10, n. 02, p. 01–09, 2021.
- SELIGMANN-SILVA, M. **A atualidade de Walter Benjamin e de Theodor W. Adorno**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.